



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JULIANA GUIMARÃES SANETO

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-794

Entrevistada: Juliana Guimarães Saneto

Nascimento: 03/02/1985

Local da entrevista: Porto Alegre/Vila Velha (Via Skype)

Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia

Data da entrevista: 05/06/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 29 minutos

Páginas Digitadas: 7

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção Do E-book *Esporte da Escola: experiências na formação continuada e em serviço*, organizado por Silvana Vilodre Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Programa Segundo Tempo; Participação no Programa Esporte da Escola; Atividades desempenhadas; Ministério do Esporte e Ministério da Educação; Equipe Pedagógica do Programa Segundo Tempo; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Experiência na formação de agentes sociais; Inclusão social; Avaliação do Esporte da Escola.

Porto Alegre, 05 de junho de 2017. Entrevista com Juliana Guimarães Saneto a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. - Olá, Juliana! Muito obrigada por nos ceder esse momento de entrevista. Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

J.S. – Oi, Mayara. Tudo bem? Bem. Se eu não me engano, foi em meados de 2013 e a minha entrada ela se deu por meio de convite, seguido de posterior seleção. Fui convidada a participar e esse convite veio de uma pessoa que trabalhava no Ministério do Esporte. Nessa ocasião, várias outras pessoas conhecidas minhas também foram convidadas a participar do Esporte da Escola. Lembro que havia preocupação em trazer pessoas que estavam inseridas em programas de pós-graduação do Brasil, no sentido de renovar o quadro de pessoas que trabalhavam com algumas políticas públicas na área esportiva, principalmente com inserção dentro de instituições escolares. Se eu não me engano entrei em meados de 2013.

M.M. – Certo. Quem foi essa pessoa que te indicou? Só para a gente se situar melhor.

J.S. – Wagner Barbosa Mathias. E assim, não sei se vale a pena pontuar, o Wagner, ele faz doutorado pela UNB¹ e ele esteve presente na UNICAMP² em um evento, o “Lazer em Debate” e foi aí que eu o conheci e a gente participando de várias discussões, inclusive sobre políticas públicas de esporte e lazer. Foi um evento que a UNICAMP organizou e a gente recebeu alguns representantes do Ministério do Esporte, entre eles o Wagner. Aí então dentro desse grupo de discussão que a gente construiu nesse evento eu acredito que tenham surgido alguns dos convites.

M.M. – Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

¹ Universidade de Brasília.

² Universidade Estadual de Campinas.

J.S. – As atividades que eu desempenhei foram todas vinculadas à formação, tanto no âmbito presencial, quanto no âmbito à distância. Inicialmente eu fiz parte de uma equipe geral e posteriormente, eu compus a Equipe Colaboradora 21, que era uma equipe com integrantes basicamente do Rio de Janeiro. Como eu estava finalizando o doutorado eu ficava um pouco nessa transição, ficava no Espírito Santo, ficava em Campinas, São Paulo, também em Mato Grosso, então, eu sempre saía de um desses três lugares.

M.M. – Você pode descrever como aconteciam os momentos de cursos presenciais e os momentos à distância?

J.S. – Ambos os momentos bastante ricos, tanto para quem participava como formador tanto para quem participava como ouvinte. Sempre gostei muito de conversar e durante as formações presenciais conversava muito com os que estavam fazendo o curso, muitas delas tinham alguma proximidade com a área da Educação Física e outras estavam ali desempenhando algum papel dentro do Esporte da Escola, mas de uma maneira bem aleatória, tentando dar o seu melhor, mas sem essa conexão com a nossa área. Isso era algo que me preocupava um pouco porque querendo ou não a gente tem um pouco dessa ideia. Trabalhar dentro dessa área exige ter uma formação, uma formação mínima, então, a gente acabava recebendo várias pessoas que atuavam como monitores e que tinham uma formação dentro daquilo que se configuraria como o ideal. De repente a gente esperava, mas cada realidade é uma realidade, cada caso é um caso e, dentro de determinados contextos, é aquela pessoa que está ali para atender. Nesse sentido a gente pode tentar conversar com elas, trazer informações novas, trazer de certa forma uma luz, a possibilidade de se trabalhar, no sentido de aprimorar aquilo que elas já faziam e de apresentar coisas novas também. Nos momentos de formação presencial a gente costumava ir para uma determinada cidade, um conjunto de monitores junto com um ou dois coordenadores. Anteriormente a nossa ida a gente fazia uma espécie de divisão de papeis, o que cada um fazia durante os dias de formação e assim seguia e essa formação ela era também dividida em questões mais teóricas e em questões de cunho mais prático, por meio de oficinas e nesse sentido, então, tínhamos algum espaço reservado para essas questões teóricas e tentávamos dar um aprofundamento dessas questões e fazer uma conexão delas com as oficinas. Apresentamos ali algumas possibilidades, não no sentido de ensinar a

fazer, mas no sentido de fazer que os monitores entendessem aquela atividade como uma possibilidade, não fazer apenas daquela forma ou só daquela forma. A pretensão nunca foi essa. Pelas conversas que tive com meus colegas durante essas formações me parece que também não. Já no âmbito virtual, por meio da Educação à Distância, no final da minha participação no Esporte da Escola, quando eu comecei a fazer parte da EC 21, que era equipe do Rio de Janeiro, eu fiquei incumbida junto com outra pessoa dessa Equipe de tentar organizar a nossa participação de alunos no módulo à distância do curso do Esporte da Escola e nesse sentido eu fazia esse controle, mas não havia uma interação minha com esses alunos. Na verdade, eu só acessava os espaços virtuais e de certa forma confeccionava alguns relatórios para dizer quem estava participando e quem não estava, então, era mais nesse sentido. E aí o coordenador da EC 21 é que entrava em contato com essas pessoas.

M.M. – Nessas capacitações, dentro dos conteúdos que eram trabalhados, tinha alguns que você mais se identificava ou você acabava passando por todos?

J.S. – Passei por todos. É claro que a gente acaba se identificando pela nossa história, pela nossa formação, a gente acaba optando por uma coisa ou por outro. Eu não tive uma postura restritiva em relação a isso e acabei passando por todas as áreas. Procurava fazer, atuar numa oficina com um conteúdo que eu tinha menos afinidade, no mínimo, justamente para ter essa experiência. Essas formações que a gente participava estavam dentro de uma série de opções. Quando o diretor da escola estava lá pelo Mais Educação ele tinha uma série de opções; ele podia escolher um esporte único, uma prática corporal única ou ele podia escolher o Esporte da Escola que era a proposta das múltiplas vivências. Nesse sentido, a gente tem que trabalhar com várias vivências.

M.M. - Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

J.S. – Após esse período de formação, a gente também aplicava um instrumento avaliativo com as pessoas que faziam essa avaliação. Isso fazia parte da formação formalizada, como eu havia mencionado. A gente sempre tinha esse hábito de conversar com as pessoas, criar esse clima de amizade, até para aproximar. Só ouvi coisas boas relacionadas às formações

em relação ao instrumento que era formalizado. Além daqueles questionários, por várias vezes, eu fiquei responsável em fazer uma espécie de tabulação desses questionários, desses instrumentos avaliativos. Essa tarefa também me permitiu observar de que forma as pessoas reagiam em relação aquilo que a gente estava aplicando. Aquilo que a gente estava fazendo. Na maioria das vezes essa avaliação era muito positiva. Tendo a oportunidade de trabalhar tanto em cidades que são pouco desenvolvidas, com índices que são menos desenvolvidos em diversas regiões e isso gerava impactos diferenciados, então, me lembro, por exemplo, que minha primeira formação foi em Amapá. Quando chegamos lá as pessoas se demonstravam extremamente felizes com a nossa presença porque éramos professores de diversas universidades, mestrandos, doutorandos, doutores e isso brilhava muito. Tive oportunidade de participar de formações em São Paulo, onde a maioria dos monitores tinha algum tipo de formação em Educação Física e avaliavam a formação como, não trazendo tanta novidade para eles, porque de certa forma eles passavam pelo processo formativo do terceiro grau do curso de Educação Física especificamente e aquilo que a gente levava nas formações não soava como novidade, como novo. Porque parece que o objetivo dessas formações era justamente abordar esses monitores que tinham uma formação um pouco maior que acabava sendo a maior parte, o maior número de monitores atuantes no Programa eles tinham um nível de escolaridade baixo.

M.M. – Professora Juliana, quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

J.S. – Bem, se for pensar dentro de um quadro de possibilidades de questões que são limitantes eu penso que, por exemplo, o material que a gente apresentava... É claro que você, ao se expressar, dá um pouco de si na hora de apresentar o material, mas o material de certa forma era limitante porque a gente já tinha apresentações prontas. Claro que por várias vezes eu mesma modifiquei alguns slides, vi colegas também modificando o slide, não para fugir da proposta, para falar outra coisa, para falar coisas contrárias do que a gente era orientado, mas no sentido de aprofundar um pouco mais. Eu identificaria como algo limitante o material audiovisual que nos era fornecido para de certa forma reproduzir.

M.M. – Você encontrou dificuldades para atuar no Programa?

J.S. – Não. Não encontrei dificuldades.

M.M. – Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

J.S. – Nossa, os pontos positivos foram muitos! Desde fazer amigos em diversos lugares, trocar experiências, conhecer lugares. Conhecer essas outras pessoas que não o grupo de formadores. Essas pessoas, algumas eu tenho contato até hoje via *facebook*, via *whatsapp*. Elas sempre mandam alguma coisa, perguntam, pedem orientação dentro da nossa área de trabalho, da nossa área de atuação e isso eu consigo enxergar como algo de impacto positivo mesmo. Então tanto para a formação pessoal como para a minha formação profissional foi muito importante, foi muito positivo.

M.M. – E, na sua opinião, o Esporte da Escola ele cumpria o papel de inclusão social?

J.S. – Isso é um pouco difícil da gente avaliar, Mayara. Porque a gente trabalhava com os monitores, quantas vezes a gente foi lá na escola para ver como eles trabalhavam? Fica um pouco complicado a gente avaliar isso.

M.M. – Você realizou alguma visita de acompanhamento do Programa nas escolas? Se sim, você poderia descrever como acontecia?

J.S. – Eu não fiz visita de avaliação porque no momento que essas visitas aconteceram em um maior número foi quando estava compondo essa Equipe 21 e como a maioria das escolas que aconteciam eram no Rio de Janeiro, era um pouco ruim em termos de logística me deslocar do Espírito Santo para fazer uma visita no Rio, sendo que tinha um monte de gente por lá, de formadores no Rio. Eu acabei não fazendo nenhuma visita, coletei algumas informações de algumas escolas aqui de Espírito Santo, mas esse fato de pouca intimidade não me dá condições de avaliação se a inclusão acontecia ou não. Agora percebe, durante a minha pesquisa de campo do doutorado, que foi em uma aldeia indígena em Mato Grosso, nós tivemos um professor da escola que participou da formação que aconteceu em Cuiabá. Eu não fiz parte dos formadores, também não tive conhecimento de quais dos nossos colegas participaram da formação, mas observei um impacto muito grande na prática desse

professor lá na aldeia. Porque ele tinha ideias novas, várias questões que a gente estava trabalhando e falando, isso aparecia nas intervenções dele e ali dentro daquele ambiente especificamente eu via a inclusão acontecendo, agora falar de uma maneira geral acho que fica um pouco complicado.

M.M. – Aconteceu algum curso mais significativo que te marcou? Você pode nos contar por quê?

J.S. – O mais significativo foi o primeiro, não sei se porque foi o primeiro ou porque foi o mais longe. Saí de Campinas e fui para Macapá. Foi bem distante, conheci um Brasil que até então eu não conhecia. Foi o lugar mais distante que eu já tinha ido dentro do nosso país e gostei muito, por esses aspectos mesmo culturais e foi bastante significativo para mim. Especificamente esse! Acho que por todas essas questões que eu falei. Acho que a viagem, assim, a formação mais significativa foi essa, pela recepção também que a gente teve, pelas pessoas, o lugar em si e por ter sido a primeira mesmo.

M.M. – Tem alguma coisa que eu não te perguntei, mas que você acha muito importante de registrar em relação ao Esporte da Escola?

J.S. – Eu acho que essa proposta podia... Assim, fico triste dela ter perdido força porque era algo que a gente via acontecendo e, como eu te falei, a minha inserção nessa aldeia indígena, eu via acontecendo na ponta. Soube de outras realidades que as coisas também aconteciam e funcionavam muito bem e nunca tinha trabalhado ainda com essas ações afirmativas, com políticas públicas e achei super legal. Porque é você participando de uma história, fazendo acontecer e buscando fazer diferença nessa história, eu só lamento de ter perdido força. A gente viu o início do investimento que foi feito, o material que foi produzido, o carinho que foi produzido, materiais belíssimos. Hoje eu atuo dentro de uma universidade e eu uso esse material junto com os meus alunos, sempre que tenho a oportunidade eu indico, porque reconheço a sua importância e reconheço também a sua... A questão de teor, uma linguagem acessível, ao mesmo tempo que fala das questões com uma responsabilidade, então, indico sempre esse material. Fico muito feliz de ter

participado. A minha história parte da escola foi bem curta, coisa de um ano e dois meses, mas me trouxe muitas experiências, muitas experiências ricas.

M.M. – Juliana, muito obrigada mesmo por ceder teu tempo para falar sobre tua trajetória no Esporte da Escola!

[FINAL DA ENTREVISTA]